

Articulações entre capital, violência simbólica e o sotaque britânico *received pronunciation*¹
Articulations between capital, symbolic violence and the british accent *received pronunciation*

Altair dos Santos BERNARDO JÚNIOR²

Fernanda Henriques DIAS³

RESUMO: Utilizado pela família real britânica, a rede de comunicações BBC, as mais conceituadas universidades britânicas, a corte, dentre outros veículos e instituições, o sotaque britânico Received Pronunciation, ou simplesmente RP, foi associado no decorrer das décadas a prestígio e status (MEYERHOFF, 2006). Embora falado por apenas 3% da população britânica (TRUDGILL, 2001), o RP continua sendo visto como sinônimo de uma boa educação e o seu falante como pertencente a uma alta classe social, sendo este o principal sotaque britânico escolhido como norma padrão para o ensino de inglês como língua adicional (CRYSTAL, 2002). Bourdieu (1983), por sua vez, enfatiza que língua é sinônimo de poder, introduzindo o conceito de mercado linguístico, através do qual pode ser percebida a utilização das línguas e, conseqüentemente, dos sotaques como forma de poder simbólico (BOURDIEU, 1989). Dessa maneira, o objetivo deste artigo é articular o sotaque RP com o conceito de poder simbólico (BOURDIEU, 1989), demonstrando o capital simbólico relacionado a este sotaque no decorrer da história, acirrando a violência simbólica entre falantes e não falantes do RP.

PALAVRAS-CHAVE: Poder simbólico. Capital simbólico. Mercado linguístico. *Received Pronunciation*.

ABSTRACT: Used by the British royal family, the BBC communication network, the most respected British universities, the court, among other vehicles and institutions, the British accent Received Pronunciation, or simply RP, has been associated over the decades with prestige and status. Although spoken by only 3% of the British population (TRUDGILL, 2001), RP continues to be seen as synonymous with a good education and its speakers as a part of a high social class, being RP the main British accent chosen as the standard for teaching English as an additional language (CRYSTAL, 2002). Bourdieu (1983), in turn, emphasizes that language is synonymous with power, introducing the concept of linguistic market, through which the use of languages and, consequently, accents as a form of symbolic power can be perceived (BOURDIEU, 1989). Thus, the aim of this article is to articulate the RP accent with the concept of symbolic power (BOURDIEU, 1989), demonstrating the symbolic capital related to this accent throughout history, intensifying the symbolic violence between speakers and non-speakers of RP.

KEYWORDS: Symbolic Power. Symbolic Capital. Linguistic Market. Received Pronunciation.

¹ Pesquisa realizada no Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal de São João del-Rei, sendo, posteriormente, expandida como Trabalho de Conclusão de Curso.

² Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: bernardo.94@outlook.com. ORCID: 0000-0003-2866-9438.

³ Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: fernandadias@ufff.br. ORCID 0000-0001-8360-7040.

 <https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p60-73>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 26 (vol. 12), p. 60-73.

Introdução

Embora a linguagem seja usada diariamente como forma de comunicação, Bourdieu (1983) ressalta que o modo como a utilizamos vai muito além do simples fato de transmitir mensagens. Para o sociólogo, há uma associação subjetiva entre língua e poder, e utilizamos a mesma para ser obedecidos, ouvidos ou até mesmo para proporcionar uma manutenção de posições de dominação.

As línguas, desta maneira, nunca estão em uma relação horizontal. Isto é, utilizadas por diferentes indivíduos que ocupam divergentes espaços no seio da sociedade, há um mercado linguístico (BOURDIEU, 1983) que se sustenta de forma simbólica, escalando línguas e falantes socialmente. Assim como em um mercado comum, há no mercado linguístico aquelas línguas que possuem maior capital, sendo utilizadas somente por quem ocupa espaços legitimados socialmente. Encontramos, também, aquelas línguas que não acrescentam muito valor ao falante, que são símbolos das margens e, portanto, auxiliam na construção de estigmas.

Os processos de hierarquização linguística podem ser vistos até os dias de hoje. Dentro do próprio Reino Unido, o sotaque *Received Pronunciation* ganha um papel de destaque dentre a diversidade linguística local. Conhecido também como *BBC English*, *Queen's English*, *Oxford English*, dentre outros nomes (CRYSTAL, 1995), o *Received Pronunciation*⁴ é um modelo de estudo quando se trata da utilização da língua como instrumento de poder. Presente nos meios de comunicação, na corte britânica e nas escolas tradicionais, o *Received Pronunciation* se tornou, no decorrer de sua história, um símbolo de *status* e prestígio, indicando, inclusive, a classe social do falante (CRYSTAL, 2002).

Assim como apontado por Foucault (2014), o conceito de poder pode ser notado não somente nas práticas objetivas, mas também no sutil, no tênue, nas subjetividades. Bourdieu (1989) enfatiza como o poder é executado no campo do invisível, embora seja plausível encontrar em práticas objetivas possíveis materializações. O poder simbólico mantém as relações de domínio entre grupos, legitima autoridades e naturaliza práticas. Neste sentido, a língua é um instrumento de manutenção e execução de soberanias, agregando capital ou acentuando o desprestígio de alguns falantes.

Neste artigo temos por objetivo promover uma articulação entre os conceitos de poder simbólico e violência simbólica (BOURDIEU, 1989) em relação ao sotaque britânico *Received Pronunciation* (CRYSTAL, 1995; 2002; TRUDGILL, 2001), que vem sendo utilizado historicamente como capital simbólico pela elite britânica.

A teoria de Pierre Bourdieu

Nas subseções abaixo abordaremos os conceitos de Bourdieu (1983; 1989; 2006) que consideramos mais relevantes para a discussão que pretendemos estabelecer, quais sejam: *habitus*, campo e capital.

⁴ Para informações sobre a história do *Received Pronunciation* e sua consolidação como variante de prestígio, ver Crystal (2002).

 <https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p60-73>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 26 (vol. 12), p. 60-73.

O conceito de *habitus*

Quando se trata do sociólogo francês Pierre Bourdieu, são raras as vezes em que o conceito de *habitus* não é referenciado. Embora este conceito seja um dos principais de sua teoria, aquele que nos explica o funcionamento do homem em seu meio, não é difícil presenciar debates calorosos entre os que defendem o conceito e os que o visualizam como um termo determinista.

De acordo com Bourdieu (1983), podemos definir *habitus* como

sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1983, p. 61).

Através de sua visão de *habitus*, Bourdieu nos mostra que toda ação que tomamos no nosso dia-a-dia não é produto do acaso. Isto é, através da introjeção de estruturas estruturadas, agimos no mundo por meio de um sistema de disposições que nos coloca em uma situação de pré-disposição. Em outras palavras, todas nossas ações, modos de pensar, perspectivas de vida e até mesmo gostos pessoais são frutos de nosso *habitus*.

Em sua obra *A distinção* (2006), Bourdieu nos alerta sobre como simples gostos, que muitas vezes passam despercebidos, são frutos do nosso *habitus*. Seja através da roupa que vestimos, das comidas que consumimos, do nosso linguajar ou até mesmo do nosso estilo musical favorito, o *habitus* se faz presente, atuando como este sistema de estruturas estruturadas e estruturantes. Contudo, como será discutido mais adiante, toda produção proveniente do *habitus* nos coloca em determinadas posições da sociedade, alimentando e reproduzindo hierarquizações.

Indagamos, então: como o *habitus* é formado? Quais são os fatores que contribuem para que tenhamos *habitus* similares ou diferentes? Uma vez que vivemos em uma sociedade estratificada, a formação do *habitus* acontece através de dois âmbitos, sendo eles o coletivo e o individual (BOURDIEU, 1983). Introjetamos, segundo Ortiz (1983), valores, normas e princípios sociais que são semelhantes a determinados grupos e diferentes a outros. Por exemplo, imagine um indivíduo A, filho de pais trabalhadores, pertencente a uma classe econômica considerada baixa, que obteve toda sua formação escolar via contexto público, sem ensino superior. Agora, imagine o indivíduo B, pertencente a uma classe considerada alta economicamente, que obteve toda sua formação via contexto particular, com ensino superior. Há grandes chances de que os valores, normas e princípios mencionados por Ortiz (1983) sejam diferentes para os indivíduos A e B. Entretanto, existem vários outros indivíduos que possuem significantes semelhanças com os indivíduos A e B, cujos valores e normas podem ser similares. Isto nos dá a entender que certas estruturas do *habitus* podem ser semelhantes para indivíduos que ocupem um espaço análogo na nossa sociedade.

Contudo, o *habitus* não é formado por fatores exclusivamente coletivos. Embora estejamos a todo momento presentes em hierarquizações e grupos, ainda assim temos uma vivência individual, com nossos valores, ações e perspectivas únicas. Essa combinação constitui a formação do nosso *habitus*, que não é puramente nem grupal nem individual.

Dois fatores extremamente relevantes para se entender o *habitus* são suas características de transponibilidade e mutabilidade. Em primeiro lugar, devemos pensar que o *habitus* não é um sistema fechado em si, funcionando apenas em determinadas situações. Um *habitus* formado através das contribuições escolares irá direcionar, também, o indivíduo anos depois no seu ambiente de trabalho. Um *habitus* formado através de contribuições do campo religioso pode conduzir indivíduos a possuir certas perspectivas políticas. Temos aqui a característica transponível do *habitus* (JOURDAIN; NAULIN, 2011) que, através desta particularidade, auxilia os indivíduos na criação de estilos de vida.

O segundo ponto mencionado anteriormente é o de mutabilidade. Uma vez que o *habitus* é formado por fatores coletivos e individuais, através dos processos de interação, não há nele um caráter fixo (ORTIZ, 1983). Em outras palavras, há uma mutabilidade no *habitus*, que faz com que ele esteja em constante movimento. Ou seja, um *habitus* formado através de fatores X vindos da família, pode ser reestruturado por novos fatores Y que foram incorporados pela escola.

Entretanto, não é incomum encontrar críticas que interpretam o conceito de *habitus* através de uma lente determinista. Estudiosos que partilham desta ideia nos alertam para um possível entendimento do *habitus* como uma sentença final em nossas vidas, nos guiando cegamente a atos e perspectivas que não podem ser contrariadas. Contudo, pesquisadores como Jourdain e Naulin (2011), Andrade (2019) e Jenkins (1992) defendem que o *habitus* não é tão intransigente.

Apesar da força que o *habitus* possui, ele não determina integralmente a ação dos indivíduos, isto é, ele não é um determinante direto da forma como os indivíduos vão agir, uma vez que é a partir das disposições apresentadas por esses valores interiorizados que os indivíduos irão postar-se no mundo. Em outras palavras os valores próprios ao *habitus* servem como elementos que influenciam as ações dos indivíduos, mas nunca como elementos determinantes das ações, uma vez que esses valores podem ser reformulados ou reestruturados, como também adaptados, dependendo das circunstâncias em que são observados (ANDRADE, 2019, p. 104).

O conceito de *habitus*, central na teoria de Bourdieu, é bastante valioso não apenas para refletirmos acerca do modo como agimos na sociedade, mas também para fazermos futuras articulações entre este conceito e os tópicos debatidos neste artigo, como variedade linguística, sotaques, classes sociais, violência simbólica, etc.

Os conceitos de campo e capital

Estudioso da sociedade, Bourdieu (1983) enxerga as relações sociais através do espaço social, local onde os indivíduos se organizam e mantém suas relações de interação. O espaço social é estruturado através da articulação de diversos campos autônomos (JENKINS, 1992), conceito que será discutido mais adiante. Em outras palavras, o espaço social é o local que engloba todos os indivíduos que se encontram nos mais diversos campos existentes (MAHAR *et al.*, 1990).

Para se entender a divisão dos indivíduos em campos, necessitamos utilizar o conceito de capital (BOURDIEU, 1983). Bonnewitz (1998) destaca que a visão bourdieusiana de capital tem suas raízes relacionadas à noção de mercado econômico, podendo o capital se acumular por transações de investimento, lucro, heranças, etc. Ademais, Bourdieu retoma a utilização do termo capital utilizado por Marx, contudo, propondo uma amplificação (JOURDAIN; NAULIN, 2011). Marx classifica os indivíduos de acordo com seu capital econômico acumulado, resultando nas classes do proletariado e da burguesia. Entretanto, o conceito de capital para Bourdieu ultrapassa fatores econômicos:

Pierre Bourdieu, por sua vez, não limita o capital à esfera econômica. Ele considera a existência de capitais de diferentes naturezas (capital econômico, capital cultural, capital social, capital simbólico, capital político...) que igualmente aparecem como recursos sociais para os agentes. Concebida como um estoque de volume mais ou menos importante, cada espécie de capital é fruto de uma acumulação em vista de obter um proveito ou rendimento, material ou não (JOURDAIN; NAULIN, 2011, p. 126).

Em outras palavras, Bourdieu utiliza o conceito de capital econômico, mas não acredita que ele seja a única forma de poder responsável pela estratificação social. Embora este tipo de capital seja extremamente relevante ao analisar as posições ocupadas pelos agentes no espaço social, há quatro formas de capital (incluindo o econômico), sendo elas (BONNEWITZ, 1998):

- Capital cultural: recursos culturais que podem ser divididos em três grupos – 1. estado incorporado, que diz respeito aos saberes e habilidades, como falar bem em público; 2. estado objetivo, que engloba a posse de bens culturais, tais como quadros, obras de arte etc.; 3. estado institucionalizado, que se refere aos títulos legitimados pelas instituições, como os de graduado, mestre e doutor.
- Capital social: rede de relações sociais de que dispõe o indivíduo. Isto é, cada indivíduo possui uma série de conexões com outros indivíduos, que podem ter um pequeno ou grande acúmulo de capitais. Há, neste caso, um processo de manutenção das relações de sociabilidade, como convites recíprocos.
- Capital simbólico: conjunto de rituais ligados à honra e ao reconhecimento, como as boas maneiras, vinculados às noções de *status*, prestígio e autoridade.
- Capital econômico: fatores de produção, como terras, fábricas etc., e a soma dos bens econômicos, como renda e bens materiais.

Quando pensamos no conceito de classes sociais e opressão sob a luz dos estudos de Marx, devemos, portanto, nos atentar para o acúmulo ou não de capital econômico do

indivíduo, o que difere da visão de Bourdieu, que nos alerta que a desigualdade social pode ser fruto também de outros tipos de poder.

Em uma tentativa de retratação do espaço social, Bourdieu nos apresenta uma representação da distribuição dos capitais e sua relação com os agentes que os possuem.

Figura 2: Diagrama de distribuição de capitais



Fonte: Bourdieu, 1994.

Sobre o diagrama, Bourdieu (1994) ressalta:

Assim, na primeira dimensão, sem dúvida a mais importante, os detentores de um grande volume de capital global, como empresários, membros de profissões liberais e professores universitários, opõem-se globalmente àqueles menos providos de capital econômico e de capital cultural, como os operários não qualificados; mas, de outra perspectiva, isto é, da perspectiva do peso relativo do capital econômico e do capital cultural no seu patrimônio, os professores (relativamente mais ricos em capital cultural do que em capital econômico) opõem-se de maneira nítida

aos empresários (relativamente mais ricos em capital econômico do que em capital cultural), isso sem dúvida ocorre no Japão como na França – o que seria preciso verificar (BOURDIEU, 1994, p. 19).

Através desta citação, percebe-se que possuímos agentes que detêm um número maior de capital acumulado do que outros, mas que até mesmo entre eles há hierarquias. Nenhum indivíduo possui o mesmo montante de capital acumulado, e a quantidade de capitais será sempre maior em uns tipos do que em outros.

Retomando a noção de espaço social, encontramos o conceito de campo, mencionado no início desta seção. Os campos são universos autônomos (BONNEWITZ, 1998) que possuem regras e condutas próprias e se articulam no seio do espaço social.

Bourdieu denomina “campo” esse espaço onde as posições dos agentes se encontram a priori fixadas. O campo se define como o locus onde se trava uma luta concorrencial entre os atores em torno dos interesses específicos que caracterizam a área em questão. [...] A prática, conjunção do habitus e da situação, ocorre desta forma no seio de um espaço que transcende as relações entre os atores (ORTIZ, 1983, p. 19).

Como exposto acima, os indivíduos são alocados dentro de campos que possuem funcionamentos determinados previamente. Tais campos, além de serem múltiplos, se articulam em barreiras que nem sempre são bem definidas (SWARTS, 1997). Isto é, os indivíduos podem ocupar diversos campos, inclusive simultaneamente. Isso também significa dizer que os campos são interdependentes e que é possível que os indivíduos busquem capitais nestes diferentes campos visando melhores posições em um campo específico, por exemplo.

Para se entender com mais eficácia o conceito de campo, é possível fazer uma alusão a um jogo de futebol americano:

Um campo de futebol é um local cercado onde acontece um jogo. Para que este jogo aconteça, os jogadores possuem posições. [...] O jogo possui regras específicas que jogadores novatos devem aprender, conjuntamente com habilidades básicas quando eles começam a jogar. O que os jogadores podem fazer e onde eles podem ir durante um jogo depende de suas posições no campo⁵ (GRENFELL, 2008, p. 68).

Assim como no jogo descrito, nem todos os indivíduos possuem um poder alto de movimento. Entretanto, há um ponto crucial que diferencia o campo de um jogo de futebol. Bourdieu (1983, p. 45) entende que o campo é simultaneamente um “campo de forças e campo de lutas que visam transformar esse campo de forças”. Ou seja, os indivíduos pertencentes a um campo estão, a todo momento, em uma luta de forças para

⁵ Tradução nossa

 <https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p60-73>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 26 (vol. 12), p. 60-73.

alcançar o poder. Os indivíduos que possuem maior poder dentro do campo atuam como dominadores, enquanto os outros exercem um papel de dominados (ORTIZ, 1983).

Vale lembrar que mesmo que o acúmulo global de capital seja de importância para definir as posições dos agentes, há capitais que são mais valiosos do que outros em determinados campos. Por exemplo, imagine o campo científico. Nele, o capital cultural é de extrema relevância, principalmente quando se trata dos estados incorporado e institucionalizado deste poder. Dentro da academia, um professor doutor possui mais capital cultural acumulado do que um professor mestre ou graduado. Mesmo que tivéssemos um professor graduado ou mestre com grande acúmulo de capital econômico, ainda assim ele não poderia ocupar o lugar de um professor doutor em determinadas circunstâncias, como, por exemplo, nos processos seletivos para docentes nas universidades públicas brasileiras onde o título de doutor é obrigatório.

O caso do sotaque *Received Pronunciation*

Conhecido pelo seu *status* de prestígio, o sotaque britânico *Received Pronunciation*, ou *RP*, se difere da maior parte dos outros sotaques britânicos devido a seu aspecto não regional (TRUDGILL, 2001). Isto é, não é possível saber a regionalidade de um falante da língua inglesa que possua o *RP* apenas por seu sotaque.

Ademais, o sotaque ainda é conhecido por outros títulos, tais como *Queen's English*, em virtude da família real inglesa, e *BBC English* devido as suas ligações com o sistema de transmissões *British Broadcasting Corporation* (MEYERHOFF, 2006).

O sotaque também pode ser encontrado historicamente em algumas escolas tradicionais e universidades inglesas (CRYSTAL, 1995). As escolas tradicionais são geralmente frequentadas pela elite devido aos seus altos custos de investimento. Podemos citar o *Ethan College*, fundado há mais de 400 anos, que possui os príncipes Harry e William como ex-estudantes.

Embora apresente variações fonéticas nos tempos atuais, o *RP* ainda é demasiadamente utilizado de forma institucional no Reino Unido.

O *RP* continua a ser um sotaque altamente utilizado na corte, parlamento, igreja da Inglaterra, meio jurídico e em outras instituições nacionais. Ele recebeu mais pesquisas do que qualquer outro sotaque. É ainda o único sotaque ensinado a estrangeiros que desejam aprender o modelo britânico e é, portanto, demasiadamente utilizado internacionalmente (CRYSTAL, 2002, p. 65).

Acerca desta utilização do *RP* nas mais diversas instituições e veículos britânicos, temos:

A competência dominante só funciona como capital linguístico que assegura um lucro de distinção na sua relação com outras competências na medida em que os grupos que a detêm são capazes de impô-la como sendo a única legítima nos mercados linguísticos legítimos

(mercado escolar, administrativo, mundano, etc)
(BOURDIEU, 1983, p. 168).

Uma vez que o sotaque *RP* é utilizado legitimamente em diversos campos, como o jurídico e o escolar, percebemos que sua incorporação se dá como forma de capital simbólico. Para que possamos entender melhor esta afirmação, levanto a pergunta: haja vista que o *RP* é utilizado em uma gama de campos diferentes, ou seja, em locais diversificados, é possível afirmar que ele é popularmente utilizado pelos britânicos? Com base nos dados de Trudgill (2001), de que o *RP* é falado apenas por 3% da população britânica, chegamos a uma resposta negativa. Isto é, embora este sotaque seja utilizado a todo momento em veículos de comunicação e instituições, ele é falado por poucos. Podemos perceber, ainda, que os poucos que o falam possuem um acúmulo considerável de capital. Por exemplo, imagine um professor da universidade de *Oxford*, que possui o sotaque *RP*. Tal professor dispõe, pelo menos, de um grande acúmulo de capital cultural. O acúmulo de capital, como mencionado, pode ser também global, como é o caso da família real inglesa, onde observamos um alto índice dos quatro tipos de capitais.

Desta forma, conseguimos perceber como o *RP* é associado a indivíduos detentores de *status* e prestígio social, uma vez que ele é amplamente utilizado por instituições legitimadas, mas é raramente falado pelas massas britânicas.

Ao afirmar o valor de uma língua, ou de variantes de uma mesma língua, Bourdieu (1983) nos alerta para o fato de que línguas só podem possuir um certo valor ao serem comparadas com outras.

Para que uma forma de linguagem se imponha entre outras (uma língua, no caso do bilinguismo, um uso da língua no caso de uma sociedade dividida em classes) como a única legítima, para que se exerça, em suma, o efeito de dominação reconhecida (isto é, desconhecida), é preciso que o mercado linguístico esteja unificado e que os diferentes dialetos de classe ou de região se comparem praticamente à língua legítima. [...] Quando uma língua domina o mercado, é em relação a ela, tomando como norma, que se definem, ao mesmo tempo, os preços atribuídos às outras expressões e o valor das diferentes competências (BOURDIEU, 1983, p. 166).

No que diz respeito à unificação do chamado mercado linguístico (BOURDIEU, 1983), podemos retornar ao fato de que a *BBC* tenha utilizado o *RP* como sotaque oficial historicamente. O *Received Pronunciation* não pode ser associado a uma região específica do Reino Unido devido ao fato de que ele não possui, entre suas características fonéticas, traços regionais.

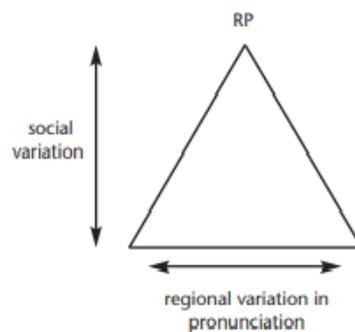
Uma das características da estrutura de hierarquia social de um país como o Reino Unido é que a classe social possui precedência como um determinante da fala, havendo muito mais variação regional entre as pessoas das classes baixas do que entre as que estão no topo da hierarquia social (HUDSON, 1980, p. 43).



Exemplificando, é possível, na maior parte das vezes, ter uma noção acerca do local de nascença ou criação de um indivíduo estadunidense ou canadense que ocupa posições privilegiadas socialmente, mas o mesmo não acontece geralmente com os britânicos que utilizam o *RP*, com exceção de casos em que houve mobilidades sociais e o indivíduo decidiu manter seu “sotaque original”.

A relação entre classe social, sotaque e regionalidade pode ser vista no diagrama em formato triangular abaixo, onde possuímos o *RP* no topo da forma, representando o mais alto índice social e a base extensa, marcando a presença de traços regionais em classes consideradas mais baixas.

Figura 3: Diagrama da relação variação social e variação regional na pronúncia



Fonte: Hughes, Trudgill e Watt, 2012.

A falta de regionalidade em sotaques não acontece apenas no Reino Unido. Podemos citar como exemplo, a forma que a maior parte dos jornalistas brasileiros se comunica durante a transmissão de telejornais. Embora traços regionais na fala possam ser dificultadores no entendimento de algumas pessoas, a utilização de um sotaque que não possui traços regionais em instituições ou veículos de informação causa uma sensação dúbia, isto é, há um sotaque que é utilizado para as massas a todo momento mas, ao mesmo tempo, ele é falado por quase ninguém.

Retomando a ideia de Bourdieu (1983), que uma língua apenas se torna legítima através de sua relação de justaposição com as outras variedades linguísticas disponíveis, podemos citar a glotalização do /t/, ou *Glottal stop*, em variantes como o *Cockney* (CRYSTAL; CRYSTAL, 2014). Neste caso, falantes não pronunciam o /t/ quando ele não for o primeiro som de uma palavra (KNIGHT, 2012). O mesmo geralmente não acontece na maior parte dos falantes do *Received Pronunciation*, ou, quando acontece, passa-se despercebido (CRYSTAL, 2002). Por exemplo, há grandes chances que um falante de *RP* pronuncie as palavras *water*, *better* e *community* como /'wɔ:.tə:/, /'bet.ə:/ e /kə'mju:.nə.ti/, respectivamente, enquanto um falante de *Cockney* provavelmente falaria /'wɔ:..ʔə:/, /'be..ʔə:/ e /kə'mju:.nə.ʔi/.

Outra característica marcante do *Cockney*, que o difere do *Received Pronunciation*, é a falta do som /h/ no início das palavras (HUGHES; TRUDGILL; WATT, 2012). Ou seja, palavras como *home*, *hero* e *hospital* são pronunciadas como /ʔəʊm/, /'ʔiə.rəʊ/ e /'ʔɒs.pi.təl/, respectivamente. Quanto a isso, Mugglestone (2003) explica que

o uso do /h/ no inglês moderno se tornou um dos principais sinais de identidade social, sua presença em posições iniciais associadas quase inevitavelmente com o educado e o polido enquanto sua perda geralmente desencadeia conotações populares do vulgar, ignorante e da classe baixa (MUGGLESTONE, 2003, p. 95).

Percebemos, então, que as características citadas da variante *Cockney*, representante da classe trabalhadora branca de Londres (HUGHES; TRUDGILL; WATT, 2012), não estão presentes, pelo menos em posição de destaque, no sotaque *Received Pronunciation*, sendo elas vistas como sinais de uma má educação formal, impolidez e pertencimento a classes sociais economicamente inferiores. Cabe ressaltar que mencionamos apenas 2 características que distinguem as duas variantes, mas há inúmeras outras diferenças possíveis de serem apontadas (para uma lista de características do *Cockney*, ver Crystal e Crystal, 2014).

Embora não seja possível responder à seguinte pergunta factualmente, é possível indagar: seriam essas características fonéticas sinais de uma má educação se elas fossem parte do *RP*? Retomemos a citação de Bourdieu (1983, p. 166): “Quando uma língua domina o mercado, é em relação a ela, tomando como norma, que se definem, ao mesmo tempo, os preços atribuídos às outras expressões e o valor das diferentes competências”. Ou seja, ao colocar em justaposição o *RP* e o *Cockney*, observamos que o que é considerado sinal de inferioridade neste só é assim porque foge da norma definida pela variante legitimada. Certamente, se o *glottal stop* e a falta do som *-h/* inicial fossem características do *RP*, elas não seriam vistas sob um olhar negativo e preconceituoso e, teríamos a partir daí, outras características fonéticas, presentes no *RP* e ausentes em outras variedades linguísticas ou vice-versa, como símbolos de divisão social.

Received Pronunciation e a violência simbólica

Para que o sotaque *Received Pronunciation* tivesse sido incorporado pela maior parte dos jornalistas e artistas da rede britânica *BBC* na primeira metade do século passado, o argumento utilizado foi de que o *RP* seria um sotaque de mais fácil entendimento para os telespectadores e ouvintes (CRYSTAL; CRYSTAL, 2014). Percebemos que a utilização do sotaque foi explicado através de um viés que ajudasse os espectadores e não a imprensa. Bourdieu nos alerta que “as ideologias, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo” (1983, p. 10). Desta maneira, há a criação de um sentimento de ajuda e também de união, haja vista que temos a impressão de que a variante *RP* é utilizada por todos, enquanto, na verdade, apenas uma pequena parcela da população a utiliza no seu dia-a-dia (CRYSTAL, 2002). Esta sensação de integração permite que o modelo de mercado linguístico vigente atue sem grandes tensões, uma vez que a dominação neste caso acontece simbolicamente. Isto é, no campo do invisível e do não palpável.

Ao transformar o *RP* em símbolo nacional, há uma falsa ideia de padronização, mas que acarreta no processo de distinção.

A cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante (BOURDIEU, 1983, p. 11).

Como já mencionado, o *RP* é conhecido por ser teoricamente neutro em traços regionais. Sendo assim, se pensarmos em uma escala, quanto mais traços regionais um falante possuir mais longe do *RP* ele estará e, conseqüentemente, menos valor social ele poderá ter. As marcas de identidade, advindas da regionalidade, devem ser apagadas para que o indivíduo seja visto como pertencente a um grupo que ocupa o topo da cadeia social. Temos, desta maneira, um processo de distinção que acontece pela língua.

A língua faz parte, portanto, de um conjunto de sistemas simbólicos que auxiliam a dominação de certos grupos sobre outros. Estes processos de opressão são chamados por Bourdieu (1989) de violência simbólica. Os processos de dominação simbólica, pensando nas situações de utilização da língua inglesa e também de ensino da mesma, acontecem em diversos contextos, que vai desde processos de hierarquização social⁶ dos considerados falantes nativos, como, por exemplo, o caso do *RP*, até tensões entre países em que a língua inglesa é utilizada como adicional.

Contudo, uma vez que fique claro que as variantes linguísticas podem operar como um capital simbólico, ajudando na segregação de poder para determinados grupos, alguns podem indagar: para ocupar maiores níveis dentro da escala social, basta, então, incorporar um novo sotaque ou dialeto? Levemos em consideração o caso do *RP*. Imagine um indivíduo A que tenha sido aceito na universidade de *Oxford* e que não possua o sotaque *RP*. Mesmo que ele decida incorporar o *RP* como sotaque, já existe, neste caso, o acúmulo de outros capitais. Ademais, devido a estes acúmulos de capitais, provavelmente o *habitus* deste indivíduo o coloque em situações e locais legitimados. Isto é, de acordo com a teoria do *habitus* (BOURDIEU, 1983), este indivíduo estaria mais propenso a consumir uma culinária específica, a ter gostos musicais que destoam das massas populares, a frequentar locais em que possam ser encontrados indivíduos que apresentem, também, um acúmulo global de capitais. No entanto, imagine agora um indivíduo B, de classe econômica baixa, sem formação superior, que decida utilizar o *RP* como sotaque. Seria, neste segundo caso, muito mais fácil encontrarmos uma “discordância entre linguagem e locutor” (BOURDIEU, 1983, p. 167), uma vez que temos aqui um choque de concordância entre a incorporação do sotaque *RP* e o *habitus* do indivíduo.

Isto nos revela que as variantes linguísticas atuam como sistemas de dominação simbólica dentro de uma rede de outros sistemas. Uma vez que estas redes, ou mercado linguístico (BOURDIEU, 1983), são desestabilizadas, as variantes podem perder seu potencial como capital. Por exemplo, se não tivéssemos as instituições e os veículos que legitimaram o *RP* no decorrer de sua história, provavelmente ele não teria tido o impacto que teve, principalmente no século passado, na sociedade britânica, nem seria

⁶ Vale lembrar que embora o colonialismo não seja uma prática recorrente nos dias atuais, a colonialidade ainda pode ser percebida nas hierarquizações entre os povos, legitimando modos eurocêntricos de ser, pensar e agir no mundo. Sendo assim, as hierarquizações sociais que menciono são frutos da colonialidade, da supremacia do homem branco europeu.

a variante mais exportada para ensino de língua inglesa pensando nos moldes britânicos (CRYSTAL, 2002).

Considerações finais

Em seus estudos sobre a sociedade, Bourdieu (1983) nos chama a atenção para os modos como as línguas são utilizadas. Partindo da perspectiva da utilização da língua como forma de poder, o sociólogo francês ressalta que há uma potencialidade de encontrarmos as línguas associadas aos processos de dominação e opressão, servindo assim como uma espécie de capital.

Os sotaques britânicos *Received Pronunciation* e *Cockney* são exemplos da utilização da língua inglesa como forma de capital simbólico. O *RP*, por exemplo, sendo usado pela elite britânica oferece *status* e prestígio aos seus falantes, os ajudando a conquistar melhores espaços dentro de determinados campos. Essa articulação entre sotaque, classe social e prestígio nos mostra as hierarquizações da língua inglesa, que acontecem entre os falantes da língua.

Desta maneira, Bourdieu (1983) enfatiza a presença de um mercado linguístico, onde as línguas possuem diferentes relevâncias simbolicamente. Os diversos valores linguísticos são determinados pelos variados acúmulos de capitais entre os falantes, o que acarreta em uma hierarquização entre línguas no mercado linguístico. Além disso, as línguas se encontram em uma complexa estrutura simbólica, tendo uma sustentação em diferentes partes do campo. Como exemplo, podemos enfatizar como o sotaque *RP* foi utilizado pela mídia, principalmente a rede de comunicações *BBC*, ao mesmo tempo que foi difundido nas mais conceituadas escolas e universidades britânicas.

Ao articular língua e poder, Bourdieu (1983) ressalta como a língua(gem) não só é utilizada na sociedade como forma de comunicação, mas também é constituinte da sociedade. O sotaque *RP* serve como exemplo de capital simbólico, agregando *status* e prestígio para seus falantes, ocupando o topo do mercado linguístico britânico e servindo como modelo de comparação para as outras variantes, como o *Cockney*. Embora o *RP* atualmente não tenha o mesmo peso que nas décadas passadas, ainda assim é possível perceber como as línguas e, conseqüentemente, os sotaques, podem exercer alto poder simbólico dentro de uma dada cultura.

Referências

- ANDRADE, I. Y. F. *Habitus e processos sociais: revisando as teorias de Pierre Bourdieu e Norbert Elias. Abordagens*, João Pessoa, v.1, n.1, 2019.
- BOURDIEU, P. *A distinção*. Porto Alegre: Zouk, 2006.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil LTDA, 1989.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papyrus Editora, 1994.
- BOURDIEU, P. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- BONNEWITZ, P. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

- CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- CRYSTAL, D. *The English language: a guided tour*. Londres: Penguin Group, 2002.
- CRYSTAL, B.; CRYSTAL, D. *You say potato: a book about accents*. Londres: Macmillan, 2014.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 42 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GRENFELL, M. *Pierre Bourdieu: Key concepts*. Stocksfield: Acumen, 2008.
- HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- HUGHES, A.; TRUDGILL, P.; WATT, D. *English accents and dialects*. Nova Iorque: Routledge, 2012.
- JENKINS, R. *Key sociologists: Pierre Bourdieu*. Nova Iorque: Routledge, 1992.
- JOURDAIN, A.; NAULIN, S. *A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KNIGHT, R. A. *Phonetics: a coursebook*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2012.
- MAHAR, C. et. al. Pierre Bourdieu: The intellectual project. In: HARKER, R., MAHAR, C., WILKES, C. *An introduction to the work of Pierre Bourdieu: The practice of theory*. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1990. p. 26-58.
- MEYERHOFF, M. *Introducing Sociolinguistics*. Nova Iorque: Routledge, 2006.
- MUGGLESTONE, L. *Talking Proper: The rise and fall of the English accent as a social symbol*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2003.
- ORTIZ, R. A procura de uma sociologia da prática. In: BOURDIEU, P. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 7-38.
- SHAW, G. B. *Pygmalion*. Nova Iorque: Dover Publications, 1994.
- SWARTS, D. *Culture and power: The Sociology of Pierre Bourdieu*. Londres: The University of Chicago Press, 1997.
- TRUDGILL, P. Received Pronunciation: Sociolinguistics Aspects. In: *Studia Anglica Posnaniensia*. V. 36, 2001.

